

SÍNODO AFRICANO: UM SINAL DE ESPERANÇA

1. ALGUNS DADOS

O Sínodo especial para a África, anunciado pelo papa João Paulo II no dia 06 de Janeiro de 1989, realizou-se em Roma de 10 de abril a 08 de maio de 1994. Brevemente podemos dizer que passou por três fases: a primeira, de *escuta* na qual falaram mais de 200 bispos e que foi encerrada pela relação de síntese do cardeal Hyacinthe Thiandoum (*Relatio post disceptationem*)¹. A segunda fase foi de *aprofundamento* e terminou com uma breve relação de cada grupo linguístico (*circuli minores*). A terceira e última fase levou os padres sinodais a redigir e votar os dois documentos finais com as propostas a serem executadas na Igreja da África (*Elenchus finalis propositonum*)² e uma mensagem final para toda a comunidade católica africana expressando os sentimentos dos membros do Sínodo (*Nuntius*)³.

O tema geral da reunião foi “*A Igreja na África e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000: ‘Sereis minhas testemunhas’*”, articulado em cinco sub-temas: Anúncio, inculturação, diálogo, justiça e paz e meios de comunicação social.

Participaram da assembléia especial para a África o papa, como *presidente* e mais 244 *membros efetivos* dos quais 77 eram *membros ex officio* (todos os cardeais africanos e um patriarca, os chefes dos Dicastérios Romanos, o secretário geral do Sínodo dos Bispos, os presidentes das Conferências Episcopais, os presidentes das Associações Regionais das Conferências Episcopais; e 130 eram *membros eleitos* pelas Conferências Episcopais (122) ou pela União dos Superiores Gerais (8). Além deles participaram mais 37 *membros nomeados* pelo papa.

Como membros sem direito a voto estavam os “*auditores*” em número de 46 (padres, religiosos e leigos: 26 homens e 20

1. *Relatio post disceptationem*. Em *IL REGNO - DOCUMENTI* 39 (1994-01-Jun), nº 728, pp. 321-333. (Abreviado *Relatio* e p.)

2. *Elenchus finalis propositonum*. Ibidem, pp. 334-342 (Abreviado *Proposição nº*)

3. *Nuntius*. Ibidem, pp. 343-349. (Abreviado *Mensagem nº*)

mulheres); os *assessores* (teólogos, sociólogos, educadores) que eram 20 (17 padres e 3 irmãs) e os *delegados fraternos* de outras igrejas no número de 7.

O número total de participantes foi 318 pessoas. Não puderam estar presentes os 4 bispos da Ruanda por causa da trágica conjuntura daquele país e dois cardeais africanos, por razões de saúde.

Como dia fundamental da reunião pode-se apontar o dia 5 de maio quando foram votadas as 64 "*proposições finais*".

2. ALGUNS TEMAS EMERGENTES

Infelizmente não nos é possível resumir todo o trabalho elaborado pelo Sínodo africano e nem isso interessaria nosso leitor. Melhor é fazer emergir algumas perspectivas que nos interpelam mais diretamente, também no Brasil e na América Latina. Nessa perspectiva, creio, merecem ser destacados três núcleos temáticos: inculturação, diálogo, justiça e paz.

2.1. Inculturação

Trata-se de um tema chave do Sínodo africano e ocupa 10 números (de 28 a 37) na lista das proposições finais. Emerge como a questão mais abrangente sobre a totalidade da vida cristã, desde a liturgia até o culto dos ancestrais e o mundo dos espíritos, passando pela questão do matrimônio e das estruturas pastorais.

*"A inculturação, no seu processo assim como na sua finalidade, é uma prioridade e uma questão urgente na vida das igrejas africanas a fim de conseguir um firme enraizamento do Evangelho nas comunidades cristãs e na Igreja como família".*⁴

4. Proposição 29

2.1.1. Liturgia

Se toda a vida cristã precisa de ser inculturada, isso deve acontecer de uma maneira especial com a liturgia e os sacramentos, tanto para serem compreendidos por todo o povo de Deus e como para terem a sua participação.

Peter Sarpong, teólogo e bispo de Kumasi (Ghana), expressou-se deste jeito na assembléia sinodal: *"A eucaristia é um sacrifício, mas, assim como está sendo celebrada agora segundo o rito romano, é bastante difícil para o meu povo sentir seu aspecto sacrificial. Estou convencido de que, seguindo a forma do sacrifício tradicional, esse mistério apareceria com mais clareza e a vivência da eucaristia seria muito mais eficaz para o meu povo. Entre axastes em Ghana, por exemplo, a leitura da Escri-*

5. *Sínodo africano e dintorni*. Em *NIGRIZIA* 1994, nº 9, p. 31.

6. cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptoris Missio*, nº 54.

7. *Proposição* 33.

tura e a homilia seriam muito mais eficazes se fossem colocadas depois da Comunhão".⁵

As proposições finais deixam entender que, embora seja claro que cada processo de inculturação deve ser guiado pelo princípio da compatibilidade das culturas com o Evangelho e da comunhão com a Igreja universal⁶, não há respostas fáceis para processos tão complexos como aquele da inculturação. O Sínodo recomenda "*que as Conferências Episcopais criem comissões, estruturas e centros para a formação em todos os níveis*", e pede também que "*as Faculdades e os outros institutos e centros já existentes na África e Madagascar virem, cada qual na sua própria área cultural, instituições capazes de desenvolver a pesquisa e a reflexão interdisciplinares, assim como experimentações e documentações*".⁷

2.1.2. Matrimônio

Trata-se de um tema bastante controvertido e de um grave problema pastoral: muitos católicos são excluídos dos sacramentos por se terem casado segundo o costume tradicional, por etapas graduais e não segundo o rito canônico. Como produzir um diálogo efetivo entre lei da Igreja e realidades sócio-culturais do matrimônio tradicional africano?

Alguns bispos acham que não faz sentido celebrar na África o matrimônio se a união conjugal é considerada como realizada somente quando nasce o primeiro filho. Esta norma mais tradicional conflita porém com aquela que é defendida por algumas teólogas africanas. Neste sentido a Irmã Bernadette Mbuy Beya, teóloga zairense e vice-presidente da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo, afirma: "*A união conjugal por etapas e a convivência nela prevista, não é aceitável enquanto penaliza sobretudo a mulher, porque o marido pode simplesmente repudiar sua consorte no caso a convivência resultar infecunda ou na eventualidade de um nascimento de criança excepcional. É necessário que a Igreja reconheça, os invés, a validade da união conjugal desde o momento em que os dois noivos decidem de se unir em matrimônio, e assumem conscientemente de se querer bem pela vida toda, sem colocar a fecundidade como condição da validade de tal aliança de amor*".⁸

É difícil então encontrar uma solução pastoral satisfatória diante da complexidade do problema, "*por isso o Sínodo recomenda que as Conferências Episcopais criem comissões sobre o matrimônio na África com a presença de casais. O objetivo de tais comissões será o estudo de todas as questões que dizem respeito ao matrimônio do ponto de vista teológico, sacramental, litúrgico e canônico, com especial referência às questões culturais*".⁹

8. *Sínodo africano e dintorni*, p. 346.

9. *Proposição* 35.

2.1.3. Culto dos ancestrais

O culto aos ancestrais parece influenciar no bem e no mal todos os aspetos da vida africana. *“Em muitas comunidades africanas, os ancestrais têm um lugar de honra. Eles são parte da comunidade junto aos vivos. Em muitas culturas há clareza de idéias no que diz respeito a quem merece ser chamado de ancestral. Sem dúvida muitos deles buscavam Deus com coração sincero. O culto dos ancestrais é uma prática que não implica de jeito nenhum na adoração deles. Por isso recomendamos que o culto dos ancestrais, tomando as devidas precauções para não diminuir a verdadeira adoração de Deus ou relativizar o papel dos santos, seja permitido em cerimônias adequadas, autorizadas e propostas pelas competentes autoridades da Igreja”*.¹⁰

10. Proposição 36.

O culto dos ancestrais está, porém, estritamente ligado à instituição dos curandeiros tradicionais e ao mundo dos espíritos. Não poucas vezes estes curandeiros, que pretendem estabelecer uma comunicação direta com os ancestrais, provocam sofrimentos e divisões nas comunidades. Por isso o Sínodo espera *“que quanto antes se organize uma equipe de pesquisa multi-disciplinar, no intento de examinar e esclarecer este problema que é complexo, obscuro e difuso. Na perspectiva de exercer o ministério para os fiéis, temos que proclamar a potência de Cristo sobre todo espírito maligno. Daí a necessidade de homens e mulheres santos, que, através dos sacramentos e dos sacramentais e com as orações de libertação, possam ajudar os aflitos. Sem deixar de lado os modernos recursos da psicologia clínica e da parapsicologia”*.¹¹

11. Proposição 37.

2.1.4. Identidade africana

A inculturação da Igreja africana coloca em discussão o conceito eurocêntrico da Igreja. Cada igreja local é uma nova geração ou eclesiogênese e não um transplante da Igreja pré-existente. O Sínodo africano deixa-nos um legado bastante claro: a missão da Igreja não é transportar para a África uma Igreja já acabada, mas anunciar o Evangelho, de modo que, na medida em que for acolhido por um grupo humano, faça nascer e desperte ao redor de si o discipulado de Jesus Cristo formando assim uma comunidade cristã, em comunhão com toda a Igreja, mas com sua peculiaridade e sua originalidade. A unidade da Igreja não depende da uniformidade cultural, mas da riqueza das diferentes culturas. Talvez fosse bom refletir mais o paradoxo: *“Somos iguais, porque somos diferentes”*. Esta é a orientação do antropólogo e teólogo Aylward Shorter: *“Infelizmente há na Igreja quem não valorize suficientemente as culturas, a não ser a cultura euro-*

americana. Pelo contrário, deveria ser patrimônio comum que a cultura é um modelo herdado de comportamentos e idéias; que há variedade de modelos e cada um tem direito de cidadania e que o direito à cultura própria e específica é um dos direitos humanos fundamentais. O Vaticano II aceitou a pluralidade cultural. Daí vem que nenhuma cultura particular deve ser privilegiada na Igreja. Espero que o futuro do catolicismo seja o de uma Igreja policêntrica e multicultural".¹²

12. Sinodo africano e dintorni, p. 36.

2.2. Diálogo

É sobretudo o diálogo com o Islã que preocupa o Sínodo africano devido ao consolidação e expansão de regimes que negam a liberdade religiosa e islamizam com a força países inteiros. Preocupa também o fenômeno das seitas fundamentalistas protestantes.

Em todo caso *"uma atitude de diálogo é o jeito de ser do cristão dentro da comunidade, com outros crentes e com os homens e mulheres de boa vontade"*.¹³

13. Proposição 38.

No diálogo com os islâmicos *"é essencial vigiar diante dos perigos que vêm de algumas formas de fundamentalismo islâmico militante. Devemos denunciar em alta voz suas políticas e práticas deletérias, assim como sua falta de reciprocidade acerca da liberdade de religião"*.¹⁴

14. Proposição 41.

Mas apesar desta chamada à ordem, merece destaque o testemunho de Dom Henri Teissier, bispo de Alger, onde vivem apenas alguns milhares de católicos: *"O desenvolvimento das correntes fundamentalistas islâmicas não justifica um abandono da atividade do diálogo em que muitos cristãos que vivem junto aos muçulmanos estão comprometidos desde o Vaticano II. Muito pelo contrário, a ação destes grupos mostra a urgência de um reconhecimento recíproco entre homens e mulheres de boa vontade, cristãos, muçulmanos e outros, em vista de colaborações cotidianas e formas de solidariedade (...). O compromisso comum de cristãos e muçulmanos para servir os mais pobres, para construir a verdade na sociedade, para garantir o respeito dos direitos humanos, para defender direitos das mulheres ou das minorias, toda esta ação comum faz parte do trabalho do Reino de Deus..."*.¹⁵

15. Sinodo africano e dintorni, p. 43-44

2.3. Justiça e paz

O Sínodo destaca a promoção humana como elemento fundamental da evangelização e ocupa 12 das 64 proposições finais: as de número 45 a 56.

Sobre a pobreza os padres sinodais afirmam o seguinte: *"Diante do subdesenvolvimento e da pobreza que a África está*

padecendo, embora reconhecendo os esforços já realizados para o desenvolvimento, o Sínodo chama a atenção dos países industrializados a fim de que promovam um real crescimento no continente, pagando suas matérias primas com preços justos e estáveis. Isso também convida os governos africanos a adotar políticas econômicas oportunas capazes de incentivar o crescimento, a produtividade e os empregos. Todos são solicitados a desenvolver uma cooperação a nível regional. O Sínodo lamenta a corrupção na vida pública e o depósito de fundos, frutos de apropriação indevida, em países estrangeiros".¹⁶

16. Proposição 54.

Sobre a dívida externa manifesta-se o Sínodo: "Os padres sinodais pedem ao Fundo Monetário Internacional, ao Banco Mundial e a todos os demais credores estrangeiros que aliviem a pesada dívida das nações africanas. O Sínodo também solicita às Conferências Episcopais dos países industrializados a que apresentem com coerência este pedido aos seus governos e às organizações interessadas... As Conferências Episcopais do mundo inteiro ensinem aos seus fiéis a Doutrina Social da Igreja sobre a pesada dívida externa e a escandalosa venda de armas aos governos africanos. Assim pode-se também desenvolver um largo movimento de opinião em favor disso tudo".¹⁷

17. Proposição 49.

Para defender os direitos humanos, o Sínodo propõe a criação de Comissões de Justiça e Paz até o nível paroquial.¹⁸ A última proposição sobre Justiça e Paz diz respeito à democracia: "É necessário e urgente estabelecer a certeza do direito nos nossos países para salvaguardar os direitos e os deveres dos cidadãos. Por isso a Igreja incrementa a educação das consciências de maneira a ajudar o nosso povo a realizar sistemas políticos que respeitem a dignidade humana e as liberdades fundamentais dos cidadãos".¹⁹

18. Proposição 46.

19. Proposição 56.

As proposições finais foram precedidas de um amplo debate nos grupos linguísticos. Michel Kpakala Francis, arcebispo de Monrovia (Libéria), foi um dos primeiros a tomar a palavra: "A liderança da Igreja na África tem que entrar mais profundamente na realidade dos oprimidos. O estilo de vida e o comportamento dos líderes eclesiais deveriam manifestar claramente suas opções. (...) A justiça e a paz devem estar no centro da evangelização, e não ser consideradas simplesmente como uma 'ligação', assim como propõe o *Instrumentum laboris*. A promoção humana não é somente um aspeto marginal da evangelização, mas seu fundamento".²⁰

20. Sínodo africano e dintorni, p. 38.

E Telesphore George Mpundu, bispo de Mbala-Mpika e presidente da Conferência Episcopal do Zâmbia, acrescentou: "Sabemos que o compromisso pela justiça e pela paz, enquanto parte integrante da evangelização, não precisa só de palavras mas também de testemunho. Essa manifestação clara e corajosa das autoridades

*e das instituições eclesiásticas é essencial para a promoção da justiça. (...) Nos últimos anos, o claro ensinamento da Igreja no que diz respeito à justiça e à paz teve um papel relevante na transformação política do Zâmbia rumo à democracia e na luta pelo desenvolvimento. Há porém muitos cristãos (incluindo padres, religiosos e líderes leigos) que não consideram a promoção da justiça e da paz como uma parte essencial do compromisso de evangelização. Parece que no pensamento deles se trate somente de um “hobby” ou de algo diferente para aqueles que não são plenamente engajados naquilo que, segundo eles, é o trabalho pastoral autêntico”.*²¹

21. Ibidem, p. 39.

As relações Norte-Sul foram objeto de consideração por parte do bispo de Oyo (Nigéria), Dom Julius Babatunde Adelokun: *“Aconselhamos o Sínodo a dirigir um apelo às antigas igrejas da Europa e da América a fim de exercer uma pressão nos seus governos, para que promovam com mais decisão uma nova ordem mundial, mais humana e menos destrutiva em relação às economias dos países em via de desenvolvimento. Brevemente deveria desencadear-se um movimento positivo para aliviar o insustentável peso da dívida atualmente paga pelos países do Sul do mundo”.*²²

22. Ibidem, p. 39.

Dom Menardo Joseph Mazombwe, bispo de Chipata (Zâmbia), pronunciou-se a favor do perdão parcial ou total da dívida: *“A dívida não é um problema exclusivamente econômico. Trata-se fundamentalmente de um tema ético, enquanto leva em consideração um problema humano, que fere o bem-estar das famílias, a sobrevivência dos pobres, as ligações comunitárias, a segurança do futuro. O Sínodo tem que falar claramente e com força, lembrando o documento de 1986 da Pontifícia Comissão para a Justiça e a Paz, que diz: ‘o serviço da dívida não pode chegar ao ponto de estrangular a economia de um país, nenhum governo tem o direito moral de exigir do próprio povo privações incompatíveis com a dignidade humana’”.*²³

23. Ibidem, p. 40.

Na Mensagem final reafirma-se: *“O Sínodo denuncia e condena energeticamente todas as vontades de poder e qualquer tipo de interesse, assim como a idolatria da etnia, que conduzem às guerras fratricidas: elas fazem com que a África deva se envergonhar de ser o continente onde se encontra o maior número de fugitivos e exilados”.*²⁴

24. Mensagem nº 36.

3. A VOZ DOS TEÓLOGOS

Alguns teólogos africanos, entre outros o jesuíta Enfeltre Mveng, o teólogo da libertação Jean-Marc Ela e a Irmã Bernadette Mbuy Beya, queixaram-se porque o Sínodo não aproveitou a colaboração de alguns dos mais destacados teólogos africanos. No documento que eles entregaram a todos os bispos africanos presentes ao Sínodo, alertam a Igreja na África

para não correr três perigos de exclusivismos: o *exclusivismo do clero*; o *exclusivismo do masculino*; o *exclusivismo do magistério*.

3.1. O *exclusivismo do clero*

*“A maior riqueza da África é a grande disponibilidade de recursos humanos. A nossa Igreja na África é rica de gente, homens e mulheres, a maioria dos quais são jovens. Eles são cheios de Espírito e desejam dedicar-se à missão da Igreja”.*²⁵

Para aproveitar estes dons, os teólogos propõem que na preparação aos ministérios, os leigos, os religiosos, os diáconos e os futuros padres sejam formados juntos num curso teológico de base comum. E ainda que a responsabilidade da paróquia não seja algo de exclusivo dos padres; que se crie uma consulta diocesana dos leigos, homens e mulheres .

25. Em ADISTA — DOC. 21-
maio-1994, p. 14.

3.2. O *exclusivismo do masculino*

*“Muitas estruturas eclesíásticas continuam excluindo as mulheres das responsabilidades públicas e da instrução superior. Queremos que a nossa Igreja da África se conforme ao modelo de Jesus Cristo, entre os seus primeiros seguidores as mulheres tinham um lugar importante, foram as primeiras a anunciar sua ressurreição, e tiveram um papel na Igreja apostólica que ia além do papel normal que as mulheres tinham na sociedade da época”.*²⁶

Para promover a participação plena e paritária das mulheres, os teólogos propõem a inclusão das mesmas em todos os níveis da preparação teológica; que seja inculturado o rito do matrimônio segundo o modelo tradicional africano “por etapas”, respeitando os direitos de ambos os cônjugues, sobretudo da mulher muitas vezes discriminada em caso de infertilidade.

*“Admoestamos a que não se explorem as mulheres na vida religiosa como mão de obra barata para as instituições eclesíásticas africanas. Recusamos ainda o recrutamento de meninas dos países do Sul, especialmente da África e da Ásia, que são usadas nalgumas congregações religiosas como trabalhadoras domésticas para manter instituições e estruturas em extinção”.*²⁷

26. Ibidem p. 15.

27. Ibidem p. 15.

3.3. O *exclusivismo do magistério*

“O ministério dos bispos e o ministério dos teólogos representam carismas diversos e complementares, garantidos pelo único Espírito para o bem-estar da Igreja. Isso foi afirmado também na sala sinodal. Mas a realidade dos fatos mostrou que ao redor do Sínodo houve tentativas de manter afastados dos seus bispos alguns teólogos africanos de primeira plana. Na Igreja

28. Ibidem p. 15.

pós-sinodal na África deveria prevalecer o diálogo e a comunhão fraterna sem exclusões e sem suspeitas”.²⁸

Para incentivar este diálogo, os teólogos propõem a realização de encontros periódicos entre bispos e teólogos sobre idéias, preocupações e problemas que dizem respeito à Igreja, em nível diocesano, nacional, regional e continental. A continuação e aplicação do Sínodo seja um trabalho que compreenda também o ministério dos teólogos, até chegar a um novo encontro continental: “um Concílio que manifeste mais claramente ainda nossa identidade africana, dentro da unidade universal da Igreja”.²⁹

29. Ibidem p. 15.

4. NOVA ET VETERA

“A dinâmica de um Sínodo não é aquela dos futurólogos”, escreveu Emmanuel Ntakarutimana, teólogo dominicano do Burundi e consultante da revista internacional de teologia *Concilium*. *Trata-se antes de encontrar um consenso*, continua ele, *nivelando para baixo, de modo a estabelecer um mínimo denominador comum entre os representantes das igrejas e de outras instâncias. Neste processo de busca de consenso emergem algumas novidades e outras coisas antigas são retomadas, num equilíbrio não sempre tão equilibrado entre “nova et vetera”*.³⁰

30. *Impressions d'un Synode*, p. 1 - texto mimeografado.

4.1. *Categorias novas para a teologia africana*

A nível eclesiológico, merecem ser aprofundadas certas categorias usadas nos documentos mas de definição imprecisa ou nova como: “Igreja - Família de Deus”³¹, de tanta simpatia entre o povo; “Igreja - Fraternidade”³², mais próxima dos meios intelectuais, e “Comunidades eclesiais vivas”.³³

31. Cf. *Mensagem* nº 3, 24, 25.

32. Cf. *Mensagem*, nº 2, 24, 25.

33. Cf. *Mensagem*, nº 28.

“A Igreja como família não pode alcançar seu máximo potencial a menos que venha a ser subdividida em comunidades suficientemente pequenas de modo a permitir relações humanas mais profundas. Por isso as pequenas comunidades cristãs foram já recomendadas pelos bispos africanos no Sínodo de 1974. O Santo Sínodo recomenda a criação e a revitalização destas comunidades nos ambientes pastorais urbanos e rurais. (...) Os padres sinodais insistem que estas comunidades sejam impregnadas de amor universal de Cristo que destrói as barreiras e as alianças naturais de clã, tribo ou outros grupos de interesse...”³⁴

34. *Proposição* 9.

35. Cf. *Mensagem* nº 14.

36. Cf. *Proposição* 17.

37. Cf. *Proposição* 36; *Mensagem* nº 19.

38. Cf. *Proposição* 48; *Mensagem* nº 65.

39. Cf. *Proposição* 55; E. NTKA-RUTINANA, *Impressions d'un Synode*, p. 1.

A nível de inculturação, se diz que ela exige inevitavelmente a santidade.³⁵

Outros assuntos que receberam destaque de uma maneira reconhecidamente nova são: o *diaconato permanente*, agora a ser adequadamente reconhecido, favorecido e encorajado³⁶; o *papel dos ancestrais agora reconhecido e louvado*³⁷; o *papel e os ministérios da mulher na Igreja* ainda a ser criado³⁸ e o cuidado para com o ambiente, motivo de graves preocupações³⁹.

4.2. Desafios antigos

Sobretudo a partir da África do Sul, tinha-se falado bastante de “*teologia contextual*” (Alan Boesak), como novo método de fazer teologia a partir da realidade contextual. Mas parece que o assunto tenha sumido dos documentos finais do sínodo.

A “*opção preferencial pelos pobres*”, categoria tipicamente latino-americana, e muitas vezes retomada pelos teólogos africanos sobretudo segundo a categoria da “*pobreza antropológica*” (Engelbert Mveng), que indica a pobreza radical do africano, não está explicitamente presente nos textos sinodais.

O “*matrimônio por etapas*”, bastante discutido antes e durante o Sínodo, não recebe ainda uma suficiente definição por parte da Igreja africana que se contenta como resposta com a criação de uma comissão de estudo para levantamento de dados a serem usados em um futuro talvez bem distante.

Sobre as “*Conferências Episcopais*”, não se falou de seu estatuto jurídico e teológico; não se dá à elas um peso na continuação do sínodo quando ele for sendo executado na sua aplicação na África em cada país.

A “*ética comunitária*”, muito considerada no meio teológico africano, como fundamento da existência social dos africanos (Bénézet Bujo), não inspira os textos sinodais, mais ligados à assim chamada “*Doutrina social da Igreja*”, que pouco aproveita o elemento tradicional africano.

A formação dos presbíteros e o celibato são questões candentes mas que não recebem um tratamento suficientemente contextualizado. Não é fácil propor saídas diferentes daquela tradicional. Como me dizia um padre missionário no Zaire: “*Propor na África o padre casado? O povo não vai gostar, porque significaria comprometer o padre mais com seu clã do que com o povo de Deus.*”

5. CONCLUSÃO

O Sínodo africano, celebrado em Roma, não pode acabar em Roma, mas deve continuar na África. Pode ser considerado o início de uma caminhada que, sem dúvida nenhuma, conduzirá a Igreja africana a desenvolver uma consciência maior de sua identidade e de sua vocação na Igreja universal. Muitos desafios da Igreja na África têm a ver com a caminhada da Igreja do Brasil e da América Latina.

Mário Menin
Professor de Teologia Dogmática
Instituto Teológico São Paulo e Faculdade N. Sra. da Assunção